

O Ministro do Supremo Tribunal

Conversões no Calvário—Parte 3

Textos Seleccionados

Introdução

Quando as cortinas de nossa cegueira e morte espirituais são removidas pela graça de Deus, tudo quanto um indivíduo negava acerca de Deus, agora ele crê. O que ocorre, de fato, é uma inversão radical na mente e no coração, uma transformação efetuada pela fé salvífica.

Permita-me iniciar o estudo de hoje lendo uma ilustração criativa do que podemos chamar de “a grande inversão”. Um jovem estava lendo uma sequência de sentenças em ordem descendente. Em seguida, ele parou e começou a ler tudo de baixo para cima. De repente, a mensagem mudou totalmente. Vou ler essas sentenças na ordem natural e depois na ordem invertida. Depois, vou ler alguns comentários do jovem. As sentenças começavam com o seguinte verso:

Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo (Efésios 2.1–2).

Viverei minha vida de acordo com esta convicção.

Deus não existe.

É tolice pensar

que existe um Deus onisciente com um plano cósmico.

Que um Deus onipotente dá propósito à dor e ao sofrimento neste mundo é um pensamento confortador, porém não passa de utopia.

As pessoas podem fazer o que bem desejarem sem consequências eternas.

A ideia de que

eu mereço o inferno

por causa do pecado

é uma mentira projetada para me escravizar àqueles no poder.

“Quanto mais você tem, mais feliz será.”

Nossa existência não possui grande significado ou propósito

Em um mundo sem Deus

existe liberdade para ser o que eu quero ser mas com Deus

a vida é um círculo infinito de culpa e vergonha.

Sem Deus

tudo fica bem.

É ridículo pensar:

Estou perdido e preciso de salvação.

“Era assim que eu me sentia antes de Cristo abrir meus olhos, mudar meu coração e inverter meu pensamento.”

Estou perdido e preciso de salvação.

É ridículo pensar:

*Tudo fica bem
sem Deus.
A vida é um círculo infinito de culpa e
vergonha.
Mas com Deus
existe liberdade para ser o que eu quero ser.
Em um mundo sem Deus
nossa existência não possui grande significado
ou propósito.
“Quanto mais você tem, mais feliz será.”
é uma mentira projetada para me escravizar
àqueles no poder.
Por causa do pecado
eu mereço o inferno.
A ideia de que
as pessoas podem fazer o que bem desejarem
sem consequências eternas
não passa de utopia.
É um pensamento confortador, porém,
que um Deus onipotente dá propósito à dor e
ao sofrimento neste mundo,
que existe um Deus onisciente com um plano
cósmico.
É tolice pensar
que Deus não existe.
Viverei minha vida de acordo com esta
convicção*

*Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por
causa do grande amor com que nos amou, e
estando nós mortos em nossos delitos, nos deu
vida juntamente com Cristo (Efésios 2.4–5).¹*

Por meio do drama dos eventos bíblicos, temos testemunhado a maior inversão ocorrendo nas vidas de alguns dos mais improváveis convertidos a Cristo.

Primeiramente, vimos o ladrão pendurado na cruz ao lado de Jesus. A princípio, esse ladrão lançou insultos contra Cristo juntamente com seu colega que também experimentava a morte por

crucificação com dor excruciante. Todavia, algo radical aconteceu e os olhos desse bandido à beira da morte foram abertos. Então, ele disse: *Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino* (Lucas 23.42). Essa foi sua inversão pessoal. O ladrão deixou de insultar Cristo e passou a adorar Cristo; ele deixou de zombar de Cristo e passou a reverenciá-lo como seu Senhor soberano.

Depois disso, uma densa escuridão cobriu a terra e Cristo fez algumas declarações poderosas. Essas coisas cumpriram profecias das Escrituras e mostraram que Jesus era, indubitavelmente, o cordeiro expiatório, pagando a penalidade por completo pelos pecados do mundo. Ele era o último Cordeiro pascal.

O centurião romano e seus soldados já tinham visto muitos homens morrendo crucificados. Somente nessa região, o Império Romano já tinha crucificado cerca de 30 mil prisioneiros. Esses soldados tinham visto de tudo, até que viram *esse* homem morrer. Quando Jesus entregou seu espírito nas mãos de Deus o Pai, o centurião experimentou sua inversão, afirmando: *Verdadeiramente este era o Filho de Deus* (Mateus 27.54).

Imagine essa cena. Nós colocamos nossa fé num Salvador vivo; esses dois homens colocaram sua fé em um Salvador morto. O ladrão deixa de insultar Cristo e proclama que Cristo é o Rei de Israel e voltará com um reino. O centurião deixa de lado a apatia em relação a Jesus e proclama que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. As cortinas foram abertas e o reino das trevas perdeu mais dois para o Rei da luz.

Essa é a gloriosa inversão efetuada no momento da regeneração! Já a vimos acontecendo nas vidas do ladrão e do centurião. Agora, a veremos novamente, só que dessa vez na vida de um ministro do Supremo Tribunal Federal.

Desses três que se converteram, a Bíblia revela o nome de apenas este último—o ministro do Supremo. Seu nome é José (Lucas 23.50), conhecido como José de Arimateia. E ele surge aparentemente do nada. Contudo, ele esteve presente o tempo inteiro, nós apenas não sabíamos.

José se escondeu, embora estivesse em público. Ele até chegou a crer que Jesus era o Messias, mas permaneceu calado a esse respeito. Ninguém sabia. É a cruz que o faz declarar sua fé em Cristo abertamente e essa acontece de ser mais uma inversão maravilhosa.

José aparece nas narrativas dos quatro Evangelhos. Convido você para o Evangelho de Lucas; ele servirá como nossa base de operação. Veja Lucas 23.50–53:

E eis que certo homem, chamado José, membro do Sinédrio, homem bom e justo (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros), natural de Arimateia, cidade dos judeus, e que esperava o reino de Deus, tendo procurado a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus, e, tirando-o do madeiro, envolveu-o num lençol de linho, e o depositou num túmulo aberto em rocha, onde ainda ninguém havia sido sepultado.

O Ministro Transformado no Calvário

Permita-me destacar três frases que descrevem esse homem para nós.

1. Primeiro, José ocupava uma posição de grande respeito.

Lucas conta que José era *membro do Sinédrio* (v. 50). O *Sinédrio* era o Supremo Tribunal Federal de Israel, composto por setenta anciãos ou “ministros”. Com frequência, esses indivíduos são chamados de “líderes do povo”.

Conforme nos conta Marcos, José era não somente um membro do Sinédrio, mas um *ilustre membro do Sinédrio* (Marcos 15.43). Em outras palavras, ele era não somente um ministro do Supremo, mas também um dos mais respeitados de todos os ministros. O que José dizia era considerado atentamente. Ele era um líder que exercia grande influência e poder entre o povo. Isso apenas soma à ironia trágica de sua vida quando percebemos que ele não disse nada em defesa de Jesus.

Lucas ainda escreve que José *não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros*. Isso não significa, todavia, que ele tinha saído em defesa de Jesus. É o evangelista João quem revela o motivo por que José permaneceu em silêncio, juntamente com outros membros do Sinédrio:

Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus (João 12.42–43).

Ou seja, vários membros do Sinédrio criam que Jesus era o Messias, o Filho de Deus, mas não queriam perder sua reputação e a aprovação dos homens. Por isso, ficaram calados. Eles preferiram *a glória dos homens*. Eles estavam mais interessados na glória dos homens do que na glória de Deus. Caso tivessem confessado sua fé em Jesus como o Messias, teriam sido excomungados da sinagoga, que era o centro da vida e da adoração dos judeus. Mais e mais, eles se recuavam e evitavam conversar de sua fé no Cristo.²

Apesar de lermos que havia alguns líderes que amavam a aprovação dos homens mais do que a de Deus, João adiciona um detalhe sobre a biografia de José, nos informando de que ele *era discípulo de Jesus* (João 19.38).

Evidentemente, José havia ouvido Jesus ensinando e quem sabe até realizando alguns milagres. Também é possível que ele ouviu Jesus pregando pela primeira vez quando foi fazer algumas perguntas difíceis com o objetivo de enganar e condenar Jesus.³ José provavelmente presenciou o constante fracasso das várias tentativas de fazer Jesus tropeçar. Mais importante do que isso, ele ouviu as respostas sábias do Mestre. Somente o Ungido de Deus poderia ensinar e curar com a autoridade de Deus. Jesus tinha que ser o Messias! Portanto, José se tornou um discípulo de Cristo.

Entretanto, José também sabia que os líderes judeus tinham inveja da popularidade de Jesus e estavam inclinados a destruí-lo (Marcos 14.1). Os tempos eram perigosos.

Pedro poderia ter findado numa cruz também, se não tivesse negado o Salvador. Com exceção de João, todos os demais discípulos fugiram para salvar suas vidas. Após o sepultamento de Jesus, todos se esconderam *com medo dos judeus* (João 20.19).

Se não somos tão severos com Pedro, André, Mateus e Tiago, então não devemos agir com severidade com José. Ele é um dos ministros do Supremo Tribunal de Israel e teria muito mais a perder do que meros pescadores.

A verdade é que você pode estar nesse mesmo barco:

- Esse é o aluno do ensino médio que ouve o professor dizendo em sala de aula: “Levante a mão se você crê que Deus criou todas as coisas”, e não levanta a mão.
- Esse é o universitário crente que recusa o convite para uma festa. Quando perguntado

por que não vai, ele diz que não está se sentindo bem.

- Esse é o indivíduo que é convidado para jogar futebol no domingo. Contudo, ao invés de dizer que não pode porque vai para a igreja, ele diz que está com uma contusão.
- Esse é o funcionário que passa pelo treinamento sobre diversidade em sua empresa. Quando perguntam se alguém acredita no ensino bíblico sobre a homossexualidade, ele fica quieto.
- Em geral, esse é o crente que ainda precisa dizer para todas as pessoas de seu convívio que pertence a Jesus Cristo.

José não concordou com o plano do Sinédrio—o que significa que não votou—, mas ele ficou com a mão abaixada.

2. O registro bíblico conta que José não somente ocupava uma posição de respeito, mas, em segundo lugar, tinha uma reputação piedosa.

Lucas escreve que ele era um *homem bom e justo* (v. 50). Ele é o único homem a quem Lucas chama de *bom*.

Se poder corrompe, José tinha conseguido evitar cair nessa tentação. Somando às outras pistas que temos sobre ele, descobrimos que era rico e um homem de contatos importantes. Seus contatos tinham tanta influência a ponto de Pilatos lhe conceder uma audiência particular.

Portanto, José tinha toda oportunidade para não ser bom. Ele estava no topo da cadeia alimentar. Quando um indivíduo sobe na vida, geralmente o vemos passando de bom a ruim, de generoso para egoísta, de compassivo para insensível. O que havia em José que protegeu o seu caráter?

3. José ocupava posição de proeminência e tinha boa reputação. Terceiro, ele vivia com expectativa celestial.

Veja a terceira descrição que Lucas fornece: ele *esperava o reino de Deus* (v. 51). José ansiava pelo tempo de renovação espiritual, por arrependimento nacional e pelo reino do Ungido de Deus. O que governava sua vida não era sua posição riqueza ou reputação. O que mais lhe importava era Deus. Entretanto, quando os gritos para coroar Jesus se transformaram em gritos para crucificá-lo, seu mundo começou a desmoronar.

Muito provavelmente, José esperava totalmente que Jesus Cristo cumpriria a função de Messias derrotando governantes mundiais e estabelecendo seu reino na terra. Assim como muitos judeus de seus dias e até mesmo de hoje, ele não entendia a diferença entre a primeira vinda do Messias para sofrer e a segunda para ser um Soberano. José planejava, sem dúvidas, confessar ser um discípulo de Jesus—assim que Cristo estabelecesse o trono de Davi. Ele pensava: “Daí vou tornar minha fé pública. Agora é perigoso demais. Vou esperar um pouco mais.”

Mas, agora, tudo mudou. Jesus estava numa cruz e a morte a poucos minutos. Talvez José estava entre os membros do Sinédrio que foram ao Gólgota para zombar e amaldiçoar Jesus. É claro, José ficou calado—como sempre. Ele deve ter presenciado todo o procedimento e, assim que Cristo morreu, soube exatamente o que fazer.

Para José, a cruz foi uma encruzilhada entre uma fé secreta e uma fé corajosa; ela foi um momento decisivo, a grande inversão de um estilo de vida que agora o identificaria como um discípulo de Jesus Cristo.

Lucas conta que José imediatamente foi e *tendo procurado a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus*

(Lucas 23.52). Enquanto os sacerdotes correm até o sumo sacerdote e o Sinédrio para lhes informar de que o véu do santuário foi partido ao meio, abrindo o caminho para o Santo dos Santos, José corre para o governador romano. O sumo sacerdote fica furioso e manda os sacerdotes costurarem o véu, algo que evidentemente fizeram para manter viva sua religião caducada. O Templo seria destruído no ano 70 d.C. e só será reedificado na ocasião da Tribulação.

Agora, o Sinédrio cambaleia diante de outra notícia devastadora: um de seus membros—um de seus membros mais ilustres—proclamou fé em Jesus e está levando seu corpo para o sepultar num túmulo da família. Não pode ser!

Não ignore isto: assim que José solicita o corpo de Jesus para o sepultar, o mundo religioso entra em confusão. Essa é a notícia nas capas dos jornais. As notícias são:

- Ministro do Supremo Inocenta Falso Messias
- Membro do Sinédrio Defende Condenado
- Traidor no Supremo Tribunal

Não há mais volta. Essa declaração pública acabou com seu segredo. José não permitirá que Jesus seja abandonado como um criminoso, mas o sepultará como um rei. A grande inversão aconteceu:

- de anonimato a testemunho público;
- de espectador para participante;
- de covardia para coragem.

José já tinha pensado o suficiente sobre o assunto. Era hora de agir. Deus já tinha usado um homem chamado José para proteger o nascimento

do Messias. Agora, Deus usa outro José para proteger o sepultamento do Messias.⁴

O Ministro do Supremo Sepulta o Salvador

Agora, por que o tipo de sepultamento que somente um homem como José poderia providenciar foi algo tão importante?

1. Primeiro, o sepultamento que José providenciou para Jesus foi importante porque as Escrituras haviam anunciado uma profecia peculiar de que Cristo seria sepultado com os ricos.

Isso era bastante improvável. Jesus era o filho adotivo de um pobre trabalhador braçal. Ele mesmo se tornaria um carpinteiro até a idade dos trinta anos e morreria três anos depois.

Jesus não possuía nada! Ele não tinha uma casa própria e nenhum endereço permanente onde reclinar a cabeça à noite. Tudo quando utilizou em seu ministério foi tomado emprestado—barco, quarto, copo de água das mãos da samaritana, um jumento para entrar em Jerusalém, um cenáculo no qual realizar reuniões, um jardim no qual orar e um túmulo temporário no qual seria sepultado.

Apesar de Jesus ser pobre, Isaías profetizou que *com os ricos esteve em sua morte* (Isaías 53.9). Então, aqui está ele—com José de Arimateia. As Escrituras se cumpriram até mesmo na condição financeira do homem que sepultou Jesus.

2. Segundo, com o sepultamento que José providenciou, o corpo de Jesus foi protegido para que não fosse despedaçado.

Os romanos controlavam a crucificação, bem como o corpo e como se livrariam dele.⁵ A profecia do Salmo 34.20 deixou claro que nenhum dos ossos de Cristo seria quebrado. Isso se tornaria mais uma

forma de identificar Jesus com os cordeiros pascaís que eram sacrificados sem que seus ossos fossem violados.

Os romanos não tinham respeito algum pelos cadáveres dos condenados. Geralmente, os corpos eram retirados das cruzes e deixados no morro para serem consumidos por cães selvagens e aves.⁶ Raramente, o corpo de um condenado era sepultado. É possível que o Gólgota era chamado de “Lugar da Caveira” simplesmente porque era repleto de caveiras de crucificações anteriores.⁷

O corpo de Jesus também poderia findar sendo lançado no Vale de Hinom, o local onde havia um fogo perpétuo consumindo corpos de criminosos e lixo em geral. Ele também era conhecido como Vale das Cinzas ou Vale dos Corpos.

Jesus utilizou a figura desse vale para ilustrar a realidade do inferno. Os líderes religiosos ficariam felizes em tomar o corpo de Jesus e jogá-lo precisamente no lugar que o Senhor utilizou como ilustração para o inferno. No processo, seus ossos seriam quebrados e o corpo seria queimado e profanado.

José impediu que essas coisas acontecessem!

3. Terceiro, o túmulo que José providenciou para Cristo serviu de confirmação da morte de Jesus.

O selo romano confirmaria que aquele era o túmulo no qual Jesus foi sepultado e que havia um corpo lá dentro. Além disso, os romanos não liberariam o corpo sem antes confirmar a morte. Pilatos se certificou de que Jesus estava morto ao receber confirmação do próprio centurião (Marcos 15.44–45). Tudo isso serviu para aumentar a credibilidade das testemunhas da ressurreição de Jesus. Aqui está o túmulo; os soldados não estavam no endereço errado! Cristo realmente morreu.

Ao providenciar um sepultamento para Jesus, José cumpriu profecias bíblicas, protegeu o corpo de Jesus e confirmou sua morte.

4. Quarto, o túmulo de José serviu como testemunha da ressurreição de Jesus.

A pedra que selava a entrada do túmulo não foi removida pelos anjos para que Jesus conseguisse sair de lá de dentro, mas para que as pessoas conseguissem entrar. No domingo da ressurreição, todos puderam ir e ver o túmulo vazio.

O túmulo não ficou totalmente vazio. Algo tão incrível e estranho foi deixado para trás que levou o apóstolo João a crer que Cristo realmente tinha ressuscitado dos mortos.

Se Jesus tivesse recebido o sepultamento comum de uma pessoa pobre, ele teria sido envolvido rapidamente com lenços simples. Mas esse não foi o caso com o sepultamento que José de Arimateia providenciou. Na realidade, conforme João 19, Nicodemos ajudou José a preparar o corpo com especiarias caríssimas—cerca de 45kg ao todo. Isso custou o salário de uma vida inteira de uma pessoa comum.

Longas tiras de lençóis eram usadas para enrolar o corpo—braços, pernas e o corpo inteiro. As emendas eram revestidas com especiarias, algumas em pó, outras em textura pastosa que colava as tiras umas às outras. O resultado final era algo semelhante a uma múmia. Vários dias se passam, as especiarias secam e endurecem, criando uma espécie de casca ao redor do corpo.

Quando João chegou ao túmulo naquele domingo, ele correu e viu os lenços que envolveram o corpo do Senhor, ainda deitados lá no formato do corpo, como se fosse um casulo vazio. Daí, João *viu e creu* (João 20.8). Não havia abertura alguma, nenhuma evidência de que o invólucro havia sido

violado ou rasgado, ou de que houve tumulto. Só estava vazio. Aquele que venceu a morte obviamente sumiu. Esse túmulo da família foi um testemunho público da fé de José.

Conclusão

Perceba a ironia no seguinte fato: os discípulos que tinham seguido a Jesus publicamente durante seu ministério fugiram quando ele morreu, mas aquele que guardou sua fé em segredo enquanto Cristo estava vivo declarou sua fé publicamente somente após a morte do Senhor.⁸

A vida de José mudou para sempre. Por ter entrado em contato com um morto, ele ficou cerimonialmente impuro. Isso significa que não poderia celebrar a Páscoa, o festival mais importante para o povo judeu. Talvez ele não se importava mais com isso. Talvez porque entendeu que a Páscoa foi apenas sombra do verdadeiro Cordeiro pascal, Jesus Cristo. Essa passou a ser sua única celebração.

Além disso, os líderes judeus já haviam ameaçado excomungar qualquer homem da sinagoga que confessasse fé em Jesus como Messias (João 9.22).⁹ Muito provavelmente, José e sua família seriam banidos da vida social e religiosa da sinagoga. José também perdeu sua posição no Sinédrio.

Entenda bem que José se uniu a uma causa perdida. Até onde os líderes religiosos e o povo sabem, um dos homens mais respeitados do país ficou do lado de um falso messias que agora ocupa um túmulo.¹⁰

Assim como o ladrão que colocou sua fé num Salvador que estava morrendo, José se identifica com um Salvador morto. Por que ele decide expressar sua fé agora? As cortinas tinham sido removidas—primeiro dos olhos espirituais do

ladrão, depois do centurião e agora do ministro do Supremo. Eles não sabiam tudo, mas sabiam que Jesus era o Filho de Deus—o Messias e o Libertador prometido. Agora, eles se preocupavam mais em se unir a ele.

Conforme colocou Oswald Chambers: “A coisa mais incrível em temer a Deus é que, quando tememos a Deus, não tememos mais nada; quando não tememos a Deus, tememos todas as demais coisas.”¹¹

Quando você, descrente, observa a vida de José, do que você precisa em sua vida hoje? É simples: você precisa de uma inversão—de incredulidade para fé. Confesse Jesus como seu Salvador hoje. Não protele.

E você, crente, também precisa de uma inversão—de passividade para envolvimento, de anonimato para testemunho público, de covardia para coragem, e de apatia para atitude. Independente do que digam seus amigos, familiares

e colegas, tome uma postura a favor de Cristo e avance com Cristo.

Apesar de José de Arimateia desaparecer do relato bíblico, a tradição afirma que ele se tornou um discípulo de Filipe, um dos primeiros diáconos da igreja de Jerusalém. Esse é o mesmo Filipe que o Espírito de Deus envia para evangelizar o etíope em Atos 8.

Conforme a tradição, José foi treinado por esse evangelista e acabou partindo para a Inglaterra como missionário. Ele supostamente chegou lá no ano 61 d.C. e se estabeleceu na cidade de Glastonbury, onde serviu pelo resto de sua vida.¹²

Não sabemos se isso é verdade. Porém, é fato que uma das primeiras igrejas cristãs na Inglaterra foi estabelecida em Glastonbury. O que sabemos com base nas Escrituras é que esse homem, uma vez um discípulo secreto e medroso, se transformou num testemunho corajoso do evangelho do Senhor morto, sepultado e ressuscitado.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 11/04/2010

© Copyright 2010 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ <http://www.youtube.com/watch?v=elCS5ayst08>.

² Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), 249.

³ John MacArthur, *Matthew: Volume 4* (Moody Press, 1989), 294.

⁴ John Phillips, *Exploring the Gospel of Matthew* (Loizeaux, 1999), 528.

⁵ Trent C. Butler, *Luke*, Holman New Testament Commentary (Holman, 2000), 398.

⁶ William Barclay, *The Gospel of Luke* (Westminster Press, 1975), 289.

⁷ *Ibid.*, *The Gospel of Mark* (Westminster Press, 1975), 366.

⁸ MacArthur, 296.

⁹ R.C.H. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel* (Augsburg Publishing House, 1964), 1136.

¹⁰ R. Kent Hughes, *Mark: Volume 2* (Crossway, 1989), 214.

¹¹ Oswald Chambers, *The Highest Good*, citado em *Christianity Today*, vol. 39, nº 1.

¹² Barclay, *Luke*, 290.